

190				
			421	

Morte de colono deixa clima tenso em reserva

Polícia Militar atira contra agricultor que entrou em propriedade invadida pelos índios

Liziane Rodrigues
ITAÍÓPOLIS

A morte do colono Valdecir Augustinho, na madrugada de sábado na área de litígio entre índios Xokleng e colonos na localidade de Bonsucesso, município de Itaiópolis, no Norte de Santa Catarina, deixou ainda mais tenso o clima na região. Empresas madeireiras já suspenderam totalmente suas atividades.

Valdecir Augustinho, de 31 anos, estava na propriedade de Francisco Gruber, ocupada pelos índios na quinta-feira. A morte aconteceu menos de 24 horas depois da Justiça determinar a desocupação da fazenda. O boletim do Instituto Médico Legal (IML) aponta que Valdecir foi morto por vários tiros. Os disparos foram feitos pela Polícia Militar na área, segundo relato dos índios e dos próprios policiais.

A versão da PM e dos índios é de que Valdecir e o irmão, Geraldo Augustinho, teriam entrado no acampamento na madrugada de sábado e atirado contra um índio com quem tinham uma rixa, sem conseguir feri-lo. Os índios, então, teriam segurado Geraldo e chamado a Polícia Militar, que tem um posto distante aproximadamente dois quilômetros.

"Quando os policiais chegaram e deram voz de prisão, Valdecir atirou contra eles e os tiros foram revidados", relata o administrador da ocupação, João Paté, afinado com o relato de policiais. O relato oficial da PM, porém, deve ser dado hoje pelo comando em Florianópolis, informou ontem um policial de Irineópolis, que não se identificou.

Há dois anos a Funai determinou a ampliação da área de reserva de 14 mil para 37 mil hectares atingindo parte dos municípios de Itaiópolis, Doutor Pedrinho e José Boiteux. O local do homicídio está



JAKSSON ZANCO/DC/ITAÍÓPOLIS

AVISO: Xokleng manifestam sua indignação e revolta com mensagens gravadas na madeira

dentro da nova delimitação, que está sendo contestada pelas prefeituras destes municípios e pelos mais de 50 colonos donos das terras envolvidas na ampliação da área.

A fazenda de Francisco Gruber abrigava uma imbuia usada para demarcar o final da reserva, concedida aos índios por decreto federal em 1926. A árvore foi queimada e a ocupação por parte dos índios é também uma forma de protesto e demonstração de "estado de alerta", diz o líder Xokleng. Ele assegura que a aldeia não quer prejudicar os colonos e disse que a comunidade indígena reconhece que eles não são culpados, já que compraram a área do governo há mais de 50 anos.

A situação, no entanto, mantém a região num clima de absoluta guerra. A descendente de italianos Clara Odorizzi, de 75 anos, chega chorando convulsivamente ao portão da casa onde mora com o filho, a nora e dois netos, distante menos de meio quilômetro da fazenda invadida. Ela levanta as mãos para o céu indagando quando vai cessar o medo que diz estar sentindo desde a primeira invasão, há mais de dois meses, quando os índios chegaram a ocupar algumas casas de colonos.

"Não temos dinheiro para ir para outro lugar e nem a lavoura posso cultivar mais. Ontem (sexta-feira) eu estava plantando umas batatinhas e meu filho disse para parar, porque está vendo que teremos que sair daqui", exclamava ela, que espera alguma atitude do governo para impedir a remoção das famílias.

Na invasão anterior, conta ela, os índios roubaram o motor da água de sua casa e ocuparam a casa da filha e do genro, que voltaram a morar no local quando houve a desocupação. Agora todos estão novamente temendo ter que abandonar a casa. Desta vez de forma definitiva.

Clara é o retrato do desespero entre agricultores

O desespero e o desânimo da colona Clara Odorizzi é o comum aos mais de 50 colonos que vivem na área de conflito. A maioria, como ela, reside no local há quase seis décadas e possui escritura do terreno. O documento, porém, não impediu a paralisação das atividades na madeireira de Osmar Adam na sexta-feira. Um grupo de índios Xokleng tirou as

motosserras da área onde os funcionários estavam extraíndo madeira, contou o empresário. Com isso, os 20 funcionários da empresa estão parados.

"Não podemos recuperar os equipamentos nem tentar uma reação porque há foragidos da polícia entre os índios, que estão sendo incentivados por outros madeireiros que querem comprar ma-

deira mais barata e sem nota", acusa. Com a paralisação de outra madeireira, o filho mais novo de Clara, Hilton, teve que procurar emprego em outro distrito. Para isso deixa a esposa, o filho de 11 anos e a filha recém-nascida com Clara durante a semana, mas teme abandoná-los numa região que passou a ser de risco.

Segundo o empresário, funcionários que trabalham na segurança de áreas pertencentes a outras empresas têm imagens e documentos que comprovam a participação de madeireiros na extração. "Caminhões dessas empresas já foram flagrados retirando madeira da área ocupada pelos índios, que vendem o produto a preço de banana".